

FACULDADES DE LETRAS DO PORTO, COIMBRA E LISBOA ESTÃO HOJE PARALISADAS

As três faculdades de Letras das universidades clássicas do Porto, Coimbra e Lisboa encontram-se hoje paralisadas devido a uma greve às aulas decidida pelos alunos, como forma de pressionar o Ministério da Educação a proceder à reestruturação daquelas escolas e definir o problema das saídas profissionais.

Inicialmente, a paralisação das aulas havia sido decidida apenas para as variantes de línguas e literaturas modernas, como forma de pressão para que o Ministério conceda aqueles cursos habilitação própria para o ensino.

No entanto, numa reunião realizada no passado dia 11 em Coimbra, a Comissão Nacional Coordenadora dos Estudantes de Letras (CNCEL), decidiu alargar o âmbito desta mobilização estudantil, em ordem à «sensibilização da opinião pública e dos órgãos competentes para a necessidade premente da reestruturação» do ensino ministrado nas faculdades de Letras e tendente à «definição de um horizonte profissional que

se quer mais especializando para uma melhor articulação com o mercado de trabalho».

Uma das medidas «com carácter de urgência» que é reivindicada pelos estudantes destas três faculdades é a equiparação dos licenciados com os das universidades novas e os das escolas superiores de Educação, no acesso aos quadros de docência dos ensinos preparatório e secundário.

Mas essa decisão, ainda de acordo com as posições estudantis, passa por «uma mudança total das actuais estruturas de ensino e do conteúdo das matérias atribuídas à educação».

Partindo do facto de o desemprego de diplomados pelas faculdades de Letras

ser actualmente «colossal», os estudantes afirmam, no documento saído do segundo encontro nacional realizado em 7 e 8 de Dezembro passado em Lisboa, que importa «repetir e aprofundar as actuais estruturas dos cursos, tendo em conta não só o mercado de trabalho como também uma efectiva dimensão por parte que garanta uma especialização em termos profissionais».

O problema começou a adquirir maior acuidade a partir do momento em que as universidades novas começaram, através dos seus cursos vocacionados para o ensino, a lançar no mercado de trabalho professores já profissionalizados e, por conseguinte, em situação de vantagem relativamente às centenas de diplomados dos cursos de Letras que só se podiam profissionalizar passados vários anos depois do fim da sua formação académica.

Por outro lado, a entrada em funcionamento das escolas superiores de Educação

(que entre outras funções irão formar os professores de ensino preparatório) irão agravar ainda mais a situação e perspectivas dos alunos das faculdades de Letras. Bastará dizer que, segundo dados actualizados pelas próprias estudantes, no concurso de 1985-86, aquele nível de ensino absorveu cerca de 75% dos colocados da área das letras.

A reestruturação dos cursos e a problemática das saídas profissionais tem a ver com competências a dois níveis: por um lado, de cada uma das universidades consideradas e, por outro, do Ministério da Educação e do Governo.

Recordando-se (ver JN de ontem) que, no caso da Universidade do Porto, o respectivo Conselho Científico tem agendado, para a reunião do próximo dia 3 de Fevereiro, uma apreciação final sobre a criação de um Centro Integrado de Formação de Professores (CIFOP) que, até certo ponto, poderá atenuar a situação dos alunos de Letras.

Dia

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

Conflitos - estudantes